

# Síria: um Estado falido?

*Syria: a failed State?*

Ana Paula Sampaio  
Pedro Henrique Malheiros Oliveira  
Renata Santos Costa  
Yasmin Moulin

## Resumo

Após iniciadas as manifestações em março de 2011, a situação na Síria evoluiu rapidamente a um conflito interno que opõe governo e grande parte da sociedade. O grande número de mortos, e a tomada de grande parte do território do país pelos insurgentes levam a uma análise que procura apontar, desde a ascensão do partido Baath ao poder, as causas da crise, como elas evoluíram, e a atual situação da Síria. Com isso em mão e com base nas ideias de Rotberg e outros teóricos, poderemos entender se a atual situação da Síria a caracteriza como um Estado falido.

## Palavras-chave:

## Abstract

After initiated the uprisings in March 2011 the situation in Syria rapidly grew into an internal conflict that opposes government and a big part of the society. The great number of deaths and the takeover of large pieces of the Syrian territory, by the insurgents, conducts us to an analysis with the main goal of discovering the causes of the crisis, how and why it got this big and the current situation in Syria. Once this discussed, the theories of Rotberg and other great authors in the Failed State Theory will help us define whether Syria can be characterized as a Failed State in its current situation.

**Key-words:** Brazil. International Migration. Demographic Changes. Development. International Migratory Balance.

## O conceito e a teoria de Estado falido

A literatura não possui um consenso quanto à conceptualização de estado falido. Vários autores colocam pesos diferentes em pontos específicos que creem creditar um Estado mais ou menos à condição de falência. É mais certo que o conceito seja atribuído àqueles Estados que cumpram alguns pontos, que divergem de autor para autor, mas sempre perpassam pela incapacidade das instituições estatais de prover os bens políticos necessários, assim como o controle sobre o território e a população.

Rotberg (2004) coloca que o Estado deve ser capaz de garantir a segurança, especialmente a segurança humana, formas previsíveis de conduzir disputas e regular normas num sistema judicial coerente, a participação popular na política, a existência de cuidados médicos difundidos à população e a existência de uma infraestrutura que permita o funcionamento fluido da economia. A maioria dos Estados falidos apresenta índices insuficientes em todos os pontos supracitados, mas para serem considerados como falidos não necessariamente precisam fazê-lo, podem ser extremamente precários em alguns desses pontos e, por isso, falidos. Estados com altos índices de violência interna e que sob alguma medida ainda sejam capazes de prover os outros pontos, já podem, na visão de Rotberg (2004), ser considerados como Estados falidos.

Em comparação com Estados fortes, Estados falidos não têm controle sobre suas fronteiras, eles perdem a autoridade sobre grandes partes de seus territórios e, frequentemente, o poder oficial só tem domínio sobre a capital e uma ou mais zonas étnicas específicas. De fato, uma das formas de se medir a extensão da falência de um Estado é verificar quanto do território o governo ainda genuinamente controla, o quanto de influência o governo ainda tem sobre cidades rurais, estradas, hidrovias e territórios distantes (ROTBERG, 2004). Portanto, o grau de controle efetivo do Estado sobre seu território e sua população é sugerido como um instrumento válido de se medir a falência do mesmo. Estados falidos têm dificuldade de garantir a segurança de suas fronteiras, exercem pouco ou nenhum controle sobre áreas uma vez comandadas por eles, delegando cada vez mais aos líderes insurgentes a função de prover bens políticos. O processo de falência estatal se torna assim claro quando grupos internos recorrem à violência e, principalmente, quando estes recorrem ao conflito armado na busca de seus in-

teresses, instaurando uma situação de anarquia dentro do Estado (ROTBURG, 2004).

A anarquia pode ser considerada então condição na classificação de um Estado na situação de falência. Assim também crê Nelson Kasfir, (2004):

Uma forte definição de estado falido se centra na anarquia, a ameaça desta durante o processo de falência do Estado e sua existência fatual depois. Em outras palavras, falência estatal significa que a autoridade pública colapsou completamente e que suas normas sociais não preenchem o espaço adequadamente. (KASFIR,2004: 70)

A gradativa perda de reconhecimento do Estado pela população como uma autoridade neutra a que se pode recorrer na procura de segurança gera a necessidade por parte dos indivíduos de recorrer a meios próprios de assegurar sua sobrevivência. Na ausência desta, os grupos regionais tem de garantir que estão seguros, se vendo assim em um dilema de segurança que instaura internamente anarquia semelhante à vivida no sistema internacional, onde na falta de um ordenamento claro, Estados tendem a entrar em conflitos quando se sentem ameaçados. Assim, Kasfir (2004) acredita que a forma mais extrema de falência estatal ocorre quando desaparecem a autoridade pública e suas normas sociais, criando anarquia doméstica que significa se não a ocorrência factual de violência, a ameaça constante desta.

Porém, uma vez que se recorreu à guerra civil a reconciliação da população e a reestruturação de uma paz positiva, no sentido de não haver conflitos inerentes na sociedade, é muito difícil. Uma vez em conflitos internos passam a imperar as lógicas étnicas, culturais ou religiosas. Estas podem colocar em lados opostos antigos vizinhos que viviam harmoniosamente, sob as mesmas regras sociais, mas que dificilmente irão se compreender numa mesma sociedade novamente.

Fica claro, portanto, que ao falhar na garantia da segurança de seu território e de seus cidadãos o governo local tende a caminhar para a falência. Seja pelo surgimento de grupos insurgentes que podem instaurar a anarquia internamente, seja pela gradual substituição das lógicas regionais às normas da autoridade estatal.

## **Histórico e causas da guerra civil**

Por meio de um golpe militar em 1963, o partido Baath assume o poder do Estado sírio. Posteriormente, em 1966, com movimen-

to político interno ao partido, Hafez al-Assad mobilizou membros aliados de modo a se garantir como governante de poderes totais, mantendo-se como líder do partido, chefe de Estado e comandante do exército, assumindo o poder em 1970. Hafez, por intermédio do partido Baath que se mantém no poder até hoje, colocou em vigência uma forma de governo que procurava manter o Estado laico, ligada ao socialismo soviético, se aproximando da União Soviética e recebendo dessa apoio, inclusive econômico.

As primeiras mudanças realizadas no país envolviam o estabelecimento de controle mais rígido sobre a população e sobre o território. Foram criadas instituições, principalmente militares, como um grupo de oficiais de segurança que pertenciam ao mesmo grupo étnico-religioso de al-Assad e ocorreu o aperfeiçoamento das forças armadas (CLEVELAND; BUNTON,2009). A distribuição de cargos para família e para aqueles próximos do partido Baath, no governo de Hafez, gerou altos índices de corrupção interna, (CLEVELAND; BUNTON,2009), o que se manteve posteriormente no governo de seu filho Bashar, assim como impediu que outros grupos sociais exercessem influência real no cenário político e social (SHARP 2013).

Quando al-Assad assumiu o poder, a economia do país era baseada principalmente na agricultura, especificamente na exportação de algodão, e a maioria das empresas eram estatais. Desenvolvendo a área industrial, propondo uma abertura econômica, realizando reconciliações com comerciantes da etnia sunita e fortalecendo a produção de petróleo, a administração de al-Assad funcionou por pouco mais de uma década. Mas a dependência externa da economia, principalmente no mercado de petróleo, como a falta de técnicos nas diversas áreas que estavam em ascensão, levaram a Síria a uma séria situação de corrupção e desgaste econômico (CLEVELAND; BUNTON, 2009).

A população síria é majoritariamente árabe, cerca de 90% da população. No entanto o país possui também minorias étnicas, especialmente os curdos, a maior minoria étnica e linguística do país, que correspondem a cerca de 10% da população total, se concentrando no norte do país. Ainda existem as diferenças sectárias religiosas, além da maioria muçulmana sunita, que compreendem mais de 70% da população, a Síria contém várias minorais sectárias religiosas, incluindo três seitas muçulmanas menores (alauítas, drusos e osmaelitas) e várias denominações cristãs. A família Assad

é membro da seita minoritária alauita (cerca de 12% da população), que tem raízes no Islã xiita (SHARP, 2013).

Na década de 1970, após a intervenção no Líbano em apoio ao Irã, grupos conservadores sunitas se organizaram na Frente Islã como forma institucionalizada de reivindicar. Até este momento, percebem-se principalmente ações estatais que promoviam a força e legitimidade do Estado sírio. Porém, com a insatisfação popular provocada pela intervenção da Síria no Líbano e no Irã em 1976, o agravamento das condições econômicas e o descontentamento de grupos opositores – principalmente sunitas e muçulmanos – a situação começou a se inverter. Visando a implementação de um Estado islâmico, o principal conjunto de rebeldes, a Frente Islã, intensificaram suas ações contra o governo de al-Assad. A partir daí Hafez al-Assad se vê obrigado a utilizar cada vez mais da força, marcando um período de forte opressão popular (CLEVELAND; BUNTON, 2009). Em meados de 1980 a Irmandade Muçulmana<sup>1</sup> liderou revolta armada, com participação da Frente Islã, que visava tirar o partido Baath do poder. A revolta foi fortemente reprimida pelo Estado, causando a morte de centenas de pessoas e dissipando os movimentos contestatórios (HINNEBUSCH, 2012).

A economia síria viveu períodos de instabilidade com picos positivos e negativos de crescimento econômico até a década de 1980 quando, por consequência da crise dos países socialistas, e das constantes ameaças da Irmandade Muçulmana, o país passa por longo período de recessão. A aproximação dos países socialistas garantiu uma gama de parceiros comerciais fixos, porém, com a crise destes, a demanda externa diminuiu fortemente, assim como o preço dos produtos importados aumentaram expressivamente (EL-ERIAN, 1996), forçando políticas protecionistas por parte do governo sírio, como a emissão de moeda e aumento das tarifas de importação causando, assim, grande inflação. (LIBRARY OF CONGRESS, 2005).

Em seus últimos não de governo Hafez procurou gerar estabilidade política e econômica no Estado. Bashar al-Assad não era o primeiro na “linha de sucessão” ao poder. Seu irmão mais velho, Bassel al-Assad, era o sucessor natural, tendo sido treinado para

1. A Irmandade Muçulmana é um grupo religioso e político que acredita que o Islã não é apenas uma religião, mas um estilo de vida. Acredita que as leis do mesmo, a sharia, deveriam ser aplicadas às famílias, comunidades e estados. Ainda que se autoproclame pacífica a organização é vinculada com uma série de atentados e é vista por muitos como a principal organização militar islâmica moderna (JONES, 2013).

governar. Enquanto isso, Bashar se formava médico, tendo se especializado em oftalmologia pelo *Western Eye Hospital* em Londres (LEVERETT, 2005). Porém, com a morte de seu irmão em um acidente automotivo fatal em 1994, Bashar se torna o sucessor lógico ao poder e começa a ser treinado para tal função. A morte de Hafez al-Assad em 2000 consoma esse destino.

A esperança da população era de que com a ascensão de Bashar, que tinha como discurso a necessidade de transparência, ampliação da democracia e abertura econômica concreta e construtiva, alterasse a grave situação síria perante a proteção dos direitos humanos. O tempo provou que o discurso não se traduziu em ações e o ambiente tenso se manteve no Estado sírio (HRW, 2012).

Com a ascensão de Bashar e a realização de suas reformas econômicas havia a esperança de melhora, porém, ainda que a economia síria não tenha sido afetada como outras tantas pelas crises de 2005 – causada por grave seca e conseqüente alta dos preços dos alimentos – e a crise mundial de 2008, a economia não apresentou melhora substancial em seus índices. O PIB sírio cresceu média de 5,7% entre 1970 e 2010. Porém, esse crescimento foi acompanhado pelo crescimento da população que, em 1970 era algo em torno de 6 milhões de pessoas e em 2011 representava quase 23 milhões (ZISSER, 2011). As implicações práticas desse fato são que ainda que o PIB do país tenha crescido, este não foi suficiente para aumentar significativamente o poder de compra<sup>2</sup> ou a qualidade de vida dos sírios, apresentando crescimento do PIB *per capita*<sup>3</sup> agregado de 2,3% no mesmo período.

Apesar desses fatores estruturais de longo prazo, a eclosão da revolta não era inevitável e vários fatores de curto prazo tiveram um papel fundamental. O gatilho mais óbvio foi a derrubada de regimes ditatoriais na Tunísia e no Egito. Antes de 2011, manifestações públicas não autorizadas de qualquer tipo na Síria eram extremamente raras – com exceção da revolta curda no norte da Síria, e em 2004, os opositores do governo de Assad tinham um campo de ação muito restrito e declarações tímidas.

Em janeiro de 2013 o *Syrian Center for Policy Research* explicita as condições que crê ter sido a causa da crise vivida hoje na Síria:

2. Poder de Compra: capacidade de adquirir bens e serviços com determinada unidade monetária.

3. PIB per Capta: divisão do produto interno bruto pelo número de habitantes.

Os fatores que causaram a atual crise na Síria são baseados principalmente em “*institutional bottlenecks*”<sup>4</sup> que refletem as deficiências na natureza das instituições formais e divergências nas instituições de fato. Isso levou à marginalização de grandes segmentos da sociedade, e as impediram relativamente de serem efetivas e contribuírem ao desenvolvimento político, econômico e social. O estado de “*institutional bottlenecks*” na Síria é refletido na perda de habilidade econômica e política de mudar com o tempo e responder aos interesses e expectativas da sociedade (*Syrian Center for Policy Research 2013*).

Na visão do relatório, as causas da atual crise estão conectadas pela ineficiência das instituições que, historicamente dirigidas por pessoas nomeadas devido a sua proximidade política aos líderes e recorrentes focos de corrupção, não conseguem prover à sociedade tudo aquilo que lhes é proposto. Tais dificuldades de fazer as adaptações necessárias para manter as instituições funcionais e coerentes ao contexto histórico no qual estão inseridas faz com que grande parcela da população seja privada de seus direitos básicos. Portanto, o baixo desenvolvimento econômico e os problemas ligados aos direitos humanos seriam consequências do mau funcionamento das organizações estatais, e o reflexo dos anos de perpetuação dessa lógica de funcionamento equivocada é a revolta da população.

A crise implica em rápido deterioramento das condições econômicas do país. As ações na tentativa de contornar a crise e reestabelecer a ordem fizeram pouco efeito, e os índices econômicos e sociais pioram a cada dia. O índice de desemprego aumenta, assim como a inflação. A dívida externa vai a patamares superiores a 100% do PIB, adicionalmente, “a falta de transparência, baixa contabilidade e baixo comprometimento a políticas declaradas criou baixa confiança nas instituições públicas” (SCPR, 2013 p. 29 Tradução Livre).

O conflito causa também sérias consequências nas condições de vida dos sírios:

Em termos de impactos sociais, a diminuição do desempenho no IDH levou o país a um retrocesso de 35 anos em termos de seu próprio progresso passado devido à deterioração nos índices de saúde, educação e renda. Metade dos cidadãos é considerada pobre e a população foi devassada em 9 por cento devido a fuga de 1,3 milhão de

---

4. *Institutional bottlenecks* em original, ou gargalos institucionais em tradução livre, são entraves internos às instituições, nesse caso estatais, que dificultam o funcionamento ideal das mesmas.

refugiados e a partida de outros 1,33 milhão de migrantes “temporários”. Além disso, o padrão de organização das comunidades fixas sofreu ruptura pelo deslocamento de quase 4 milhões de pessoas de suas casas e vizinhanças pela violência, desabrigo, medo e intimidação. O sistema educacional está em estado de crise com a danificação e destruição de 2.963 escolas a um custo de 6,1 bilhões de libras sírias, enquanto outras 1.992 escolas estão recebendo deslocados internos (SCPR, *The Syrian Catastrophe: socioeconomic monitoring report – first quartel report january – march 2013*)

O relatório demonstra claramente que o conflito reduziu expressivamente a qualidade de vida no país, danificando não só a infraestrutura do país – com a destruição de escolas e hospitais – como a estrutura social do mesmo. As diminuições dos índices econômicos, sociais e da educação demonstram que a crise atingiu todos os aspectos da organização social.

Com o início das revoltas de 2011 o governo utiliza desmedidamente da opressão pela força contra a população. Os relatórios internacionais elaborados apresentam muitas violações aos direitos humanos, prisões arbitrárias, torturas, recusa de cuidados médicos a população, abuso de força, destruição de propriedades, repressão da liberdade de expressão e alto número de morte de civis, escalando a condição que é observada hoje – uma situação de guerra civil que já contabiliza mais de 190 mil mortos (NEBEHAY, 2014).

Segundo Sharp (2013), essa resposta violenta claramente tentou repetir o “sucesso” que o Governo de Hafez al-Assad conquistara ao esmagar brutalmente rebeliões da Irmandade Muçulmana nos anos 1970 e final dos anos 1980, que levaram ao massacre de mais de 10 mil combatentes e civis em Hama, em 1982, o que levou a uma radicalização da oposição. Em suma, em sua busca pela consolidação do poder do regime que herdou, Bashar al-Assad involuntariamente enfraqueceu sua capacidade de sustentar seu controle sobre a população (SHARP; BLANCHARD, 2013).

Em novembro de 2012 forma-se a Coalizão Nacional Síria, com o intuito de criar um corpo abrangente de maneira a representar maior diversidade de grupos insurgentes, além de um Conselho Militar Supremo (SMC). A organização foi orientada de maneira a acolher os membros do Conselho Nacional Sírio<sup>5</sup> – tendo esse 22

---

5. Organização anterior ao Conselho Supremo Militar, criada na Turquia com o objetivo de organizar politicamente do exílio planos de reestruturação política. Procurou representar a insurgência síria, porém por não abarcar todos os ideais da população e não ter representação prática no conflito teve pouco êxito.

dos 60 assentos da organização –, e aumentar seu escopo de membros de diferentes princípios étnicos – inclusive partidos e organizações de representação curda e a Irmandade Muçulmana<sup>6</sup> – sob o ideal de organizar oposição formal ao governo de al-Assad, política e militarmente. (AL JAZEERA, 2013).

Segundo Sofer (2013), estes dois órgãos interconexos, mas independentes, visam coordenar uma oposição coesa, nacional e democrática que poderia preencher o vácuo de poder após a queda potencial do presidente Assad. Com a gradativa organização da oposição no conflito, gabinetes foram organizados em cinco regiões do país: Homs, Hama, Idlib, Deraa e Damasco. Tais conselhos oriundos de batalhões do Exército Livre Sírio (FSA) – maior grupo de rebeldes combatentes que engloba grande maioria dos grupos envolvidos no conflito –, e coordenados pelo SMC, criam ambiente de coordenação regional com grupos insurgentes menores, ainda que não se possa afirmar que seja total (HOLIDAY, 2012)

Há uma discrepância considerável, no entanto, entre a estrutura que esses corpos tentam impor ao movimento de oposição e a natureza caótica, desorganizada dos vários grupos rebeldes. A coalizão de oposição da Síria e SMC é projetada para impor uma estratégia nacional de cima para baixo e uma estrutura de governo para os braços políticos e militares da oposição síria, usando o apoio político, financeiro e militar internacional como alavanca para os grupos rebeldes no país (SOFER, 2013).

Na prática, a coalizão de oposição da Síria e o SMC são os rostos internacionais da oposição Síria e agem para assegurar recursos para a rebelião, mas até agora têm sido incapazes de proporcionar a coesão interna ou estratégica que eles foram projetados para criar (O'BAGY, 2013). O grande número de grupos filiados com interesses e ideais diferentes dificulta a chegada em qualquer tipo de consenso. Além disso, a existência de fortes grupos de insurgentes extremistas filiados à Al-Qaeda – principalmente o ISIS (Estado Islâmico do Iraque e do Levante) – preocupa os próprios rebeldes do FSA, e a comunidade internacional, fazendo com que os conflitos

---

6. Após a retaliação do governo aos movimentos sociais organizados pela Irmandade Muçulmana essa passou a exercer pouca influencia na Síria, perdendo a confiança de grande parte da população – principalmente as minorias – que a via como extremista e sectário sunita, mesmo com o a iniciativa da organização após 2000 de procurar clamar por democracia e tolerância religiosa. Porém, a organização se manteve forte externamente, e com o início dos conflitos passou a operar na Síria provendo recursos e facilidades aos militantes (LUND, 2012).

sejam pensados não apenas contra o governo, mas também entre os insurgentes.

O contexto de fato hoje é que os insurgentes, por meio de conflitos armados desde 2011, conseguiram assegurar controle sobre grande parte do território sírio - seja por meio da força organizada pelo SMC, seja por milícias menores organizadas regionalmente. A figura abaixo demonstra que grande parte do território norte e nordeste do país já está sob seu controle, enquanto isso, o exército sírio se limita cada vez mais às grandes cidades, principalmente Damasco. Isso faz com que o interior do país se torne uma área sem grande controle efetivo de nenhuma das partes, acarretando na criação de diversos outros grupos que procuram garantir e expandir sua influência. (O'BAGY, 2013).

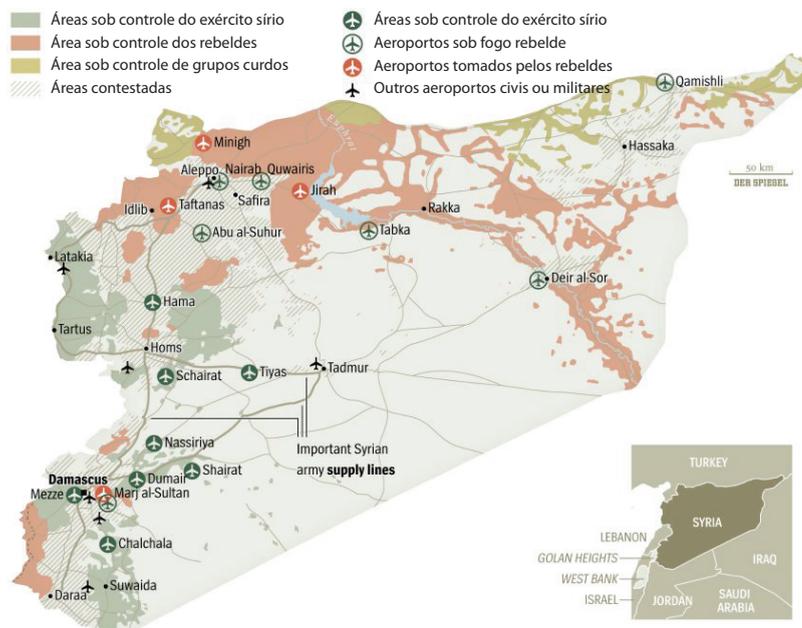


FIGURA 1 – Síria: mapeando o conflito

Fonte: Der Spiegel, adaptado de BBC e “Syria Needs Analysis Project”, originalmente baseado em informações do governo americano apud Jeremy M. Sharp e Christofer M. Blanchard em: *Armed Conflict in Syria: Background and U.S. Response 2013:7*

No âmbito internacional vemos clara divisão entre opositores e aliados ao governo de Bashar al-Assad. No início de

2011, os Estados Unidos impuseram uma série de sanções ao governo sírio e insistiam na formulação de reformas que fossem ao encontro do apelo dos insurgentes. No entanto, tais medidas de *enforcement* não obtiveram o fim esperado e Assad, que tem apoio claro da Rússia<sup>7</sup>, continuou a reagir com extrema força e violência contra seus opositores, o que obrigou os Estados Unidos a requererem a renúncia do mesmo em agosto de 2011 (SHARP; BLANCHARD, 2013).

Em junho de 2012, os EUA tentaram formular um acordo multilateral, dentro da Organização das Nações Unidas (ONU), que pudesse impor sanções ao regime de al-Assad, levando a um cessar fogo e a uma transição de governo, pedindo um governo de transição de unidade nacional na Síria que poderia incluir membros da oposição e do regime atual. No entanto, ao propor esse acordo no Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU), Rússia e China usaram de seu poder de veto para bloquear qualquer esforço norte-americano de acabar com a violência armada (SHARP; BLANCHARD, 2013).

No âmbito regional, a Liga Árabe suspendeu a adesão da Síria e impôs sanções econômicas a Damasco em novembro de 2011. No mês de janeiro seguinte, a Liga pediu a retirada de Assad do cargo e solicitou uma resolução em apoio por parte do Conselho de Segurança da ONU, que foi então vetada pela Rússia e pela China. Em março de 2013, a Liga convidou Khatib, o então presidente da Coalizão Nacional Síria, a tomar o assento da Síria na sua reunião em Dubai (LAUB, 2013).

Os governos árabes, incluindo os Estados do Golfo Pérsico e a Jordânia, forneceram armas e apoio financeiro e diplomático à oposição. Na insistência dos Estados Unidos, tanto a Arábia Saudita quanto o Qatar concordaram em suspender o apoio a grupos extremistas, canalizando seus esforços através do Conselho Militar

---

7. O interesse russo em apoiar o regime de sírio advém de quatro principais razões principais: a primeira se deve ao fato de haver uma instalação naval russa na cidade de Tartus, o que é de extrema importância, sendo a última base militar russa fora do território da ex-União Soviética. A segunda razão está ligada a primeira, na medida em que a Rússia ainda possui uma mentalidade da época da Guerra Fria, bem como uma insegurança nacional, o que faz com que ela não queira abrir mão de uma das suas últimas alianças militares – no caso a Síria. Outro fator se deve pela posição russa contrária ao conceito de Intervenção, uma vez que o considera como uma maneira de exercer o imperialismo ocidental no estilo da Guerra Fria, se constituindo em uma ameaça à Rússia. O quarto e último é o fato de que a Síria importa muitos produtos militares russos, sendo uma ligação econômica muito importante (FISHER, 2013).

Supremo. A Turquia, disputando influência, tem fornecido alguns dos equipamentos militares pagos pelos Estados árabes apesar de manter seus laços estreitos com o Irã e a China (LAUB, 2013). O Irã, um aliado de longa data da Síria, mantém laços estreitos com o regime em Damasco, fornecendo assistência militar e econômica. Devido a tenuidade do regime de Assad nota-se preocupação internacional que as armas químicas sírias caíam nas mãos de atores não estatais, como a al-Qaeda ou o Hezbollah (LAUB, 2013).

A perda de controle sobre grande parte do território, o grande número de conflitos internos no país – com grande número de mortos, e principalmente a dificuldade do Estado em prover bens políticos aos seus cidadãos cria sob o governo sírio questionamentos quanto a sua falência. Rotberg (2004) explica que o Estado deve ser capaz de garantir a segurança, especialmente a segurança humana, formas previsíveis de conduzir disputas e impor normas num sistema judicial coerente, a participação popular na política, a existência de cuidados médicos difundidos à população e a existência de uma infraestrutura que permita o funcionamento fluido da economia.

## **Atual situação na Síria**

Nesse sentido, a crise na Síria - e o seu desenvolvimento-, a tomada por parte dos rebeldes de grande parte do território e as ameaças de intervenção internacional, criam dúvidas quanto à posição de Estado forte da Síria. É certo que antes do início dos conflitos a economia vinha de um período de estabilização e prosperidade, tendo mantido crescimento econômico médio de 2,3% de 1990 a 2010 (WORLDDATA, 2013). A ausência de conflitos internos e manifestações demonstram que o Estado ainda exercia controle sobre a população e o monopólio da violência. A principal causa apontada por grande parte dos autores e organizações utilizadas nesta bibliografia é a insatisfação popular com as instituições governamentais que, centradas nos alauítas concentravam a riqueza do país e não permitiam representação política (SCPR, 2013a).

A gradativa perda de reconhecimento do Estado pela população como uma autoridade neutra a que se pode recorrer na procura de segurança gera a necessidade por parte dos indivíduos de utilizar meios próprios de assegurar sua sobrevivência. Na ausência desta, os grupos regionais têm de garantir que estão seguros, procurando os próprios meios de defesa, gerando uma série de combates, sa-

ques e assassinatos, o que instaura internamente anarquia. Assim, Kasfir (2004) acredita que a forma mais extrema de falência estatal ocorre quando desaparecem a autoridade pública e suas normas sociais, criando anarquia doméstica que significa se não a ocorrência factual de violência, a ameaça constante desta.

A atual situação da Síria aproxima-se, portanto, dos conceitos tanto de Rotberg, quanto de Kasfir. A perduração do conflito, a limitação da atuação do governo a parte reduzida do território e as lutas indiscriminadas por áreas de influência, mesmo entre os rebeldes, podem caracterizar como anárquica a situação interna, se continuarem a serem reproduzidas ou aumentarem em intensidade. O governo, porém, se mantém firme, no âmbito internacional o apoio russo garante a perpetuação deste como ente do sistema. Ainda que tenha perdido sua cadeira na Liga Árabe e tenha sido ameaçado de invasão pelos EUA, o Governo Sírio, dificilmente terá sua legitimidade questionada se contornar a crise interna. No âmbito local, a falta de união e organização dos rebeldes e os conflitos internos entre eles dificultam novos avanços contra o governo o que garante a perpetuação da situação como se encontra.

## Conclusão

A reprodução do conflito tem consequências desastrosas para o governo e para a economia da Síria. Como demonstrado, o regime de Bashar al-Assad tem cada vez menos autoridade interna, é cada vez menos legítimo aos olhos da população e do cenário internacional e tem seus serviços públicos cada vez mais precários – se aproximando dos conceitos de Rotberg e van de Walle, Kasfir de estado falido.

O governo tem sua autoridade limitada pela tomada dos rebeldes de grande parte do território, sendo incapaz assim de tratar e controlar o cumprimento das normas impostas por ele em grande parte de seu território. As fronteiras norte e nordeste têm pouco ou nenhum controle do governo, a economia está muito perto do colapso, e o número de mortos e a confirmação da ocorrência de ataques com armas químicas demonstram que a violência no país já atingiu níveis de guerra civil.

Os conflitos já não se limitam à luta entre rebeldes e forças armadas do governo, são recorrentes os combates entre rebeldes que procuram expandir sua influência e aumentar sua área de

controle, fica clara a situação de insegurança coletiva da população. Assim, indo de encontro às ideias de van de Walle é possível de dizer que o Estado sírio era um Estado viável, mas que teve sua força minada pelo conflito, exercendo sua influência agora em parte reduzida do território.

A situação interna hoje na Síria é a divisão do país entre as áreas ocupadas pelo governo de Bashar al-Assad, áreas tomadas por rebeldes que se filiaram ao Conselho Nacional Sírio, áreas ocupadas por rebeldes sem filiações ou de filiações menores e as áreas desocupadas. Assim, não se pode afirmar que exista um estado de anarquia, mas também não se pode afirmar que exista uma organização da sociedade a prover segurança e garantir coesão. O Conselho Nacional Sírio, hoje maior organização de rebeldes – vista pelos EUA e Liga Árabe como representante dos rebeldes sírios – e provedor em potencial de ordem em caso da queda do Estado, é formado por líderes étnicos e políticos que se localizam fora da Síria e aos poucos é organizado e enraizado dentro do território.

O apoio russo ao governo Assad, por outro lado, pode manter o governo funcionando e lutando pela retomada do território, ainda que ilegítimo na visão da população. A diminuição da intensidade do conflito pode beneficiar Bashar al-Assad, mesmo com todas as sanções econômicas impostas a seu regime, uma vez que com o apoio russo e a experiência do poder pode minar gradativamente as organizações rebeldes e assumir gradativo controle do território. Porém, os rebeldes já possuem apoio internacional, inclusive envio de auxílio de cunho não letal por parte dos EUA, cadeira na Liga Árabe e aliados regionais fortes como Turquia, Qatar e Arábia Saudita

Uma intervenção internacional consolidaria a visão do sistema do país como um Estado falido, dificilmente mantendo os moldes atuais de governo e certamente não teria Assad como governante, e muito provavelmente instauraria uma missão da Organização das Nações Unidas. Porém essa, no contexto atual de negociação entre as partes para a organização de um governo misto funcional, é extremamente improvável. Tudo indica que o conflito se estenderá por anos, e o país dividido procurará meios de sobreviver à situação, com grandes dificuldades de organizar uma unidade social ou econômica e, por consequência, se distanciando do sistema internacional, tanto quanto a índices econômicos e sociais como de inserção tácita no sistema, apresentado dificuldades de representação e atuação.

Atualmente o processo de negociação mediado pela ONU na tentativa de restaurar a paz e algum tipo de organização governamental no país se encontra travada, a participação do governo vigente na Síria no processo de negociação implica grande dificuldade de conciliação. A Rússia e os EUA cada vez mais preocupados com a situação da Ucrânia concentram cada vez menos esforços para resolver a questão síria.

Assim, para que se retome a ordem na Síria o governo de tem de participar de um processo de negociação mediado em terras distantes, por organizações internacionais e com membros de sua própria sociedade que se organizaram ao ponto de representatividade internacional. Portanto, dado a todos os problemas de segurança, problemas sociais, a inexistência de uma economia organizada, é possível afirmar que hoje a Síria é um Estado falido que tenta se reconstruir.

## Referências

CLEVELAND, William L.; BUNTON, Martin P. **A history of the modern middle east**. Boulder, EUA: Westview Press, 2009.

CNN. **Arab League recognizes new Syrian opposition coalition**. 2012 Disponível em: <http://edition.cnn.com/2012/11/12/world/meast/syria-civil-war/> . Acesso em: 28 out. 2013.

DIAZ, Naomi Ramírez. **The Syrian revolution**: will the presumed social unity be challenged in the post – Assad period? BRISMES Graduate Conferency: Change and continuity in the Arab world. 2012.

FISHER, Max. **The four reasons Russia won't give up Syria, no matter what Obama does**. Washington, Washington Post, 2013. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/blogs/worldviews/wp/2013/09/05/the-four-reasons-russia-won-t-give-up-syria-no-matter-what-obama-does/> . Acesso em: 10 de outubro de 2013.

GHADBIAN, Najib. **The New Asad**: dynamics of continuity and change in Syria. Middle east journal, volume 55, n°4, 2001.

HINNEBUSH, Raymond. **Syria**: from 'authoritarian upgrading' to revolution?. International Affairs 88: 1. Blackwell Publishing Ltd, Oxford, 2012.

HOLIDAY, Joseph **Syria's Maturing Insurgency**: middle east security report 5. Washington, EUA: Institute for the Study of War, 2012.

HUMAN RIGHTS WATCH, **A Wasted Decade**. Nova York, 2010.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Human rights watch report 2012**. Disponível em: <http://www.hrw.org/world-report/2013/country-chapters/syria> . Acesso em; 10 nov. 2013.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Human rights watch report 2013**. Disponível em: <http://www.hrw.org/world-report/2013/country-chapters/syria> . Acesso em: 10 nov. 2013.

EL-ERIAN, Mohamed A.; EKEN, Sena; FERRELL, Susan; E CHAUFFOUR, Jean-Pierre. **Growth and Stability in the Middle East and North Africa**. Washington, Estados Unidos, 1996. Disponível em: <https://www.imf.org/external/pubs/ft/mena/mena.pdf>

JONES, Bryony e Cullinane, Susannah: What is the Muslim Brotherhood? CNN, 3 de Julho de 2013 Disponível em: <http://edition.cnn.com/2013/07/03/world/africa/egypt-muslim-brotherhood-explainer/>

KASFIR, Nelson. **Domestic anarchy, security dilemmas and violent predation: causes of failure**. In: *When States Fail, Causes and Consequences*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2004.

LAUB, Zachary; MASTERS, Jonathan. **Syria's crisis and the global response**. Disponível em: <http://www.cfr.org/syria/syrias-crisis-global-response/p28402> . Acesso em: 15/10/2013.

LAFER, **Celso. Comércio e Relações Internacionais**. São Paulo. Editora perspectiva, 1997.

LEVERETT, Flynt L. **Inheriting Syria; Bashar's Trial By Fire**. Bookings Institution, 2005.

LIBRARY OF CONGRESS. **Country profile: Syria 2005**. Washington, EUA, 2005. Disponível em: <http://lcweb2.loc.gov/frd/cs/profiles/Syria.pdf> . Acesso em: 29 out. 2013.

LUND, Aron. **Divided they stand: an overview of Syria's Political Opposition Factions**. Uppsala, Suécia. Foundation for European Progressive Studies, 2012.

NEBEHAY, Stephanie: U.N. says Syria death toll tops 190,000, rights envoy raps world powers. Reuters, Genebra, Suíça, 22 de Agosto de 2014 Disponível em: <http://www.reuters.com/article/2014/08/22/us-syria-crisis-deaths-idUSKBNOGMOKH20140822>

O'BAGY, Elizabeth. **The Free Syrian Army: middle east security report 9**. Washington, EUA: Institute for the Study of War, 2013.

O'BAGY, Elizabeth. **Syria's Political Opposition: middle east security report 4**. Washington, EUA: Institute for the Study of War, 2012.

PHILLIPS, Christopher. **Syria's Bloody Arab Spring**. Londres, Reino Unido. LSE IDEAS Special Report, 2012.

ROTBERG, Robert I. **When States fail: causes and consequences**. Gaillard: Princeton University Press, 2004.

SEALE, Patrick. **The struggle for Syria**. Oxford University Press, 1965.

SHARP, Jeremy M.; BLANCHARD, Christopher M. **Armed conflict in Syria: Background and U.S. Response**. Congressional Research Service, 2013.

SOFER, Ken; SHAFROTH, Juliana. **The structure and organization of the Syrian opposition. Center for American Progress**. Disponível em: <http://www.americanprogress.org/issues/security/report/2013/05/14/63221/the-structure-and-organization-of-the-syrian-opposition/> . Acesso em: 20 out. 2013.

SYRIAN CENTER FOR POLICY RESEARCH. **Socioeconomic Roots and Impact of the Syrian Crisis**. Damasco, Síria, 2013. Disponível em: [http://scpr-syria.org/att/1360464324\\_Tf75J.pdf](http://scpr-syria.org/att/1360464324_Tf75J.pdf) . Acesso em: 29 set. de 2013.

SYRIAN CENTER FOR POLICY RESEARCH. **The Syrian catastrophe: socioeconomic monitoring report first quartel report (january – march 2013)**. Damasco, Síria, 2013.

U.S DEPARTAMENT OF STATE. **Syria background note 09/08/10**. Washington, EUA, 2013. Disponível em: <http://www.state.gov/outofdate/bgn/syria/158703.htm> . Acesso em: 29 out. 2013.

VAN DE WALLE, Nicolas. **The Economic Correlates of State Failure: taxes, foreign aid, and policies**. em: *When States Fail, Causes and Consequences*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2004.

WEBER, Max. **Essays in Sociology**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1946.

THE WORLD BANK GROUP. **World Databank**, 2013. Disponível em: <http://databank.worldbank.org/data/views/variableselection/selectvariables.aspx?source=world-development-indicators#> . Acesso em: 10 out. 2013.

ZISSER, Eyal **The struggle for Syria: the rise and fall of the Ba'th party**. Tel Aviv, Israel: Tel Aviv University, 2011. Disponível em: [http://dayan.org/sites/default/files/3\\_EyalZisser.pdf](http://dayan.org/sites/default/files/3_EyalZisser.pdf) . Acesso em: 29 out. 2011.